

dor, de fugir de Utinga para o Recife, de ser capitão de guerrilhas, de ir no exército do sul para missionar, de fugir com os rebeldes e, na debandada, de ser preso”(45). Fora mandado para a Bahia, em condições infamantes: “Antes de embarcar, ataram-lhe ao pescoço uma grossa corrente de ferro. Com a cabeça descoberta, ele e mais três, e estes três amarrados os braços com cordas, precediam a marcha dos demais que, em filas, caminhavam, rodeados de forte destacamento de tropa, na populosa cidade do Recife”. Mais adiante: “grilhões aos pés substituem os laços de corda nos braços dos três que os traziam; uma gargalheira atando estreitamente os pescoços de todos os presos, com as duas pontas cravadas no pavimento, obrigava-os a permanecerem deitados, sem outro leito fora das alcatroadas tábuas do mesmo porão”. Foram esses homens que transformaram os cárceres da Relação numa “escola de altos estudos”, na promiscuidade dos escravos que ali iam receber castigos de açoites, às vezes 500, à noite, alumiados por magro candeeiro de óleo de baleia, acorrentados. Muniz Tavares conta: “Entrando os presos na cadeia, pareceu-lhes entrar no inferno, e que todas as legiões de demônios se preparavam para recebê-los”. Pois ali Frei Caneca escreveu a sua Gramática Portuguesa, lecionou e fez versos.

Começara, em 1824, assim, combatendo a dissolução da Constituinte e a nova carta magna, outorgada. Caldeira, auxiliado por Miguel Calmon e Lino Coutinho, conseguira dobrar a resistência da Bahia ao ato despótico do imperador. Mas os pernambucanos não queriam ser dobrados. Brant escreveu a Muniz Tavares: “O marquês do Maranhão está aqui a chegar e seguirá logo para Pernambuco, onde temo se renovem as desgraças de 1817, se V. S. e outros patriotas de igual saber e virtude não aproveitarem o tempo para remediar despropósitos cometidos por espíritos exaltados”. Assim, o despotismo misturava blandícias e ameaças. Frei Caneca comentou a carta de Brant: “Qual será o pernambucano digno deste nome que possa ler sem indignação os atrevimentos, as insolências desse impostor?” Discutindo a Constituição outorgada, repele o Poder Moderador, “chave mestra da opressão da nação brasileira e garrote mais forte da liberdade dos povos”. Assim, nega posse a Pais Barreto no governo da província, e apóia a Confederação do Equador. Preso a 29 de novembro de 1824 e levado ao calabouço, no Recife, sua postura diante do sacrifício inibe os carrascos. A rebeldia, afogada em sangue, definha pouco a pouco, mantida ainda pela indomável energia de Pedro Ivo. O terror implantado na província espanta até os apologetas de D. Pedro: “Que por decreto de 26 de julho D. Pedro suspendesse em Pernambuco a garantia do parágrafo 8º do

(45) Melo Moraes: op. cit., pág. 205, II.